



## Narrativas Midiáticas sobre a relação entre corpo e jogos olímpicos nas décadas de 1890 e 1900

Fausto Amaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ – Rio de Janeiro/RJ, Brasil

**RESUMO – Narrativas Midiáticas sobre a relação entre corpo e jogos olímpicos nas décadas de 1890 e 1900** – Os jogos olímpicos apresentavam-se ao habitante do Rio de Janeiro das décadas de 1890 e 1900 como algo além do esporte. Circo, teatro e cinema eram espaços culturais onde aqueles eventos podiam ser assistidos, como os jornais da época anunciavam. As Olimpíadas do Comitê Olímpico Internacional também eram noticiadas, porém disputavam a atenção dos leitores cariocas com jogos não-oficiais, como os que foram realizados em Montevideu no ano de 1907. Entendido esse contexto, neste artigo são apresentadas algumas questões relativas ao ideal de corpo no referido período e seu diálogo com a *novidade* representada pelos jogos olímpicos.

Palavras-chave: **Jogos Olímpicos. Mídia. Corpo. Cidade. Rio de Janeiro.**

**ABSTRACT – Media Narratives on the relation between body and olympic games in the 1890s and 1900s** – The olympic games featured themselves to the inhabitant of Rio de Janeiro of the 1890s and 1900s as something beyond sport. Circus, theater and cinema were cultural spaces where those events could be enjoyed, as the newspapers of the time announced. The Olympic Games of the International Olympic Committee were also reported, however shared the attention of the newspapers readers of Rio with the unofficial olympic games, such as those held in Montevideo in 1907. Understood this context, I present in this article some questions concerning the ideal body in that period and its dialogue with the *novelty* represented by the olympic games.

Keywords: **Olympic Games. Media. Body. City. Rio de Janeiro.**

**RÉSUMÉ – Narratifs Médiatiques sur la relation entre le corps et les jeux olympiques dans les années 1890 et 1900** – Les jeux olympiques se présentées devenus l’habitant de Rio de Janeiro des années 1890 et 1900 comme quelque chose au-delà du sport. Cirque, théâtre et cinéma étaient espaces culturels où ces événements pourraient être assistés, comme les journaux annonçaient. Les Jeux Olympiques du Comité International Olympique ont également été publiés, mais rivalisaient à l’attention du lecteur de Rio avec des jeux non officiels, tels que ceux qui sont détenus à Montevideo en l’année 1907. Compris ce contexte, je présente dans cet article quelques questions concernant le corps idéal dans cette période et son dialogue avec la *nouveauté* représenté par les jeux olympiques.

Mots-clés: **Jeux Olympiques. Médias. Corps. Ville. Rio de Janeiro.**

**Introdução: jogos olímpicos no Rio de Janeiro da virada do século**

Ao pensar em jogos olímpicos, qual a primeira imagem que lhe vem à cabeça? Caso seja minimamente versado nos meandros do esporte, você terá imaginado algum fato relacionado ao megaevento organizado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI): um acontecimento de centenária história, que ocorre a cada quatro anos em diferentes cidades, com custos e dimensões em contínuo crescimento. O que temos hoje como um dos grandes eventos do calendário esportivo mundial possui seu início no século XIX. Naquele momento, um contexto histórico favorável despertava a atenção dos europeus para os feitos da Grécia helênica e, conseqüentemente, para as competições esportivas realizadas por aquela civilização. O modelo de Olimpíadas que o Rio de Janeiro sediará em 2016 foi instituído por Pierre de Coubertin, em 1896, com declarada inspiração nos gregos antigos. No século XIX, Coubertin não foi o único a propor jogos olímpicos. Estes sequer estavam restritos às manifestações estritamente esportivas; podiam ser presenciados jogos olímpicos no circo ou durante as comemorações de uma data festiva, como o centenário da imprensa no Brasil, em 1908. Se é consensual afirmarmos que a definição de esporte sofreu alterações desde o século XIX, não é tão difícil assim de imaginar que os jogos olímpicos tenham passado por similar processo de ressignificação até os dias atuais. O domínio da expressão jogos olímpicos e do universo simbólico nela circunscrito ainda não se encontrava sob o controle hegemônico do COI até, pelo menos, a década de 1910<sup>1</sup>.

Do outro lado do oceano, o Rio de Janeiro, capital de uma nação que recém abolira a escravidão e instaurara a República por meio de um golpe militar, apresentava condições propícias para absorção das ideias civilizatórias associadas aos jogos olímpicos. Com uma imprensa relativamente consolidada, uma elite urbana influenciada pelo ideário europeu e um campo esportivo em franco crescimento, o Rio dispunha dos meios de divulgação, de um público em potencial e do interesse por esportes necessários para difundir o ideal olímpico. Propondo um olhar para esse passado, desenvolvo atualmente uma pesquisa que tem como foco a análise dos recursos, enfoques e estratégias utilizados pela mídia impressa carioca na construção de narrativas sobre os jogos olímpicos, desde a década de 1890 até a de 1930.

Para este artigo, efetuei um recorte nos meus dados empíricos, selecionando apenas os textos jornalísticos que tratavam, em alguma medida, de questões relacionadas ao ideal de corpo que buscava ser construído durante as décadas de 1890 e 1900. A promoção de um lazer controlado e o culto de corpos saudáveis, para além dos valores olímpicos (pacifismo, amadorismo, fair-play/cavalheirismo), fascinavam os periodistas, constituindo-se em eixos argumentativos estruturantes de algumas matérias.

Torna-se necessário, nesse primeiro momento, estabelecer um modelo básico para compreender os jogos olímpicos<sup>2</sup>. Entendo que tais eventos operam não apenas por meio de seus vínculos esportivos, mas possuam reverberações culturais, políticas e econômicas, tanto para os países que organizavam ou participavam de jogos olímpicos quanto para aqueles que apenas recebiam notícias sobre sua realização. Desse modo, abordar os jogos olímpicos demanda um conhecimento do contexto mais amplo no qual eles se inseriam.

Com efeito, neste exercício compreensivo, julgo interessante pensar os jogos olímpicos como uma das *teias de significado* tecidas pelo homem (Geertz, 2008). Para sua interpretação, busco as singularidades que tornam os jogos olímpicos um texto cultural bem-sucedido, o que, por sua vez, suscita refletirmos sobre o espaço por eles ocupado no cotidiano da sociedade carioca do período em questão. Para deslindar este texto e o diálogo social posto, um dos possíveis caminhos encontra-se no processo de mediação envolvido. É intrínseca a relação que se estabelece entre a mídia e os jogos olímpicos desde seus primeiros momentos – o próprio Coubertin convocava a aliança com a imprensa em seu célebre discurso na Sorbonne<sup>3</sup>, em 1894, e a Carta Olímpica<sup>4</sup> de 1930 já regulava a cobertura midiática. Na análise dos discursos midiáticos sobre o corpo nos jogos olímpicos, considero não apenas os textos jornalísticos em si, mas as condições de produção e recepção desse conteúdo<sup>5</sup>.

O papel central da mídia no curso da história olímpica encontra um exemplo ilustre no caso brasileiro. A introdução dos esportes no cotidiano carioca ocorre ainda no século XIX. No porto do Rio, na virada do século, desembarcavam inúmeros produtos vindos da Europa, principalmente da França e da Inglaterra. Eram itens que abasteciam uma cidade ainda carente de produção industrial própria e sedenta de hábitos (literatura, moda) ditos *civilizados*. Do Rio, os modernos hábitos de consumo e lazer vindos da Europa se espalha-

vam pelo Brasil (Melo, 2001, p. 14). Nesse contexto, não é fortuito que os esportes tenham chegado por esse mesmo porto, seja através dos estudantes regressos da Europa ou de imigrantes desse mesmo continente (Melo, 2001, p. 23). E, seguindo esse mesmo caminho, podemos entender a entrada dos Jogos Olímpicos, um produto cultural também europeu.

As fontes documentais que sustentam esta pesquisa encontram-se, assim, nos periódicos cariocas no período já referido, escolhidos por sua relevância para a sociedade carioca de então e pela atenção dedicada aos jogos olímpicos<sup>6</sup>. Os jornais diários do Rio de Janeiro foram primordiais na introdução e difusão do esporte e do lazer modernos na cidade (Melo, 2012). Como atores preponderantes no meio social<sup>7</sup>, pode-se dizer que os periódicos conformaram certo imaginário olímpico, ao formular representações sobre os eventos que narravam. Na análise das fontes, venho empregando uma abordagem transdisciplinar, pois articulo os estudos de mídia ao referencial teórico da história cultural, pensando com autores como Peter Burke (2008; 2011), Roger Chartier (1991; 2010), Carlo Ginsburg (1989) e Richard Sennett (2010) o lugar dos jogos olímpicos na cultura brasileira<sup>8</sup>.

Este artigo encontra-se organizado em duas partes, que buscam dar conta das representações do corpo veiculadas nos periódicos quando abordavam os jogos olímpicos, bem como apresentar introdutoriamente o complexo universo que cercava tal evento na virada do século. Na primeira parte, exploro as ofertas de lazer e entretenimento para o carioca da época. Em seguida, apresento os dados de pesquisa propriamente ditos, analisando as ideias veiculadas nos textos jornalísticos na confluência entre corpo, esporte e jogos olímpicos. Esclareço que, não sendo um especialista em estudos do corpo (seus conceitos e diferentes abordagens), o presente texto adquire certo tom de ensaio na discussão dos dados sobre a relação entre os ideais de corpo presente na virada do século XIX para o XX e as narrativas sobre os jogos olímpicos, compreendidos em sentido amplo.

### **Um Cenário Favorável: opções de lazer e campo esportivo em formação**

“Junto com a Rua do Ouvidor, sua feroz competidora na preferência do público, a Avenida Central intensificou o prazer da *flânerie* ou do *footing*, dependendo do ideal do pedestre que poderia ser in-

fluenciado pelo modelo francês ou inglês da época” (Araújo, 1993, p. 327). Essa citação, extraída do livro *Vocação do Prazer*, estabelece uma oportuna ligação entre a história urbanística do Rio e as mudanças de hábitos de lazer e diversão em curso na cidade na virada do século XIX para XX. O carioca, de todas as classes sociais, passava a ocupar com seus corpos as ruas da cidade; anteriormente, era sobretudo o negro a habitar esse espaço público, vide os escravos de ganho<sup>9</sup>. Para entendermos o lugar que viria a ser ocupado pelos jogos olímpicos, em paralelo às mudanças no uso do corpo, devemos compreender o campo de diversões e entretenimento<sup>10</sup> disponível aos cariocas dos estratos mais abastados e das camadas populares.

O sociólogo Georg Simmel (1987), em seu clássico texto *A metrópole e a vida mental*, nos falava sobre os múltiplos estímulos sensoriais que as cidades modernas europeias ofereciam a seus habitantes. Podemos entender que parte dessas estimulações fosse proveniente da crescente oferta de possibilidades de diversão. Estas surgem em um contexto no qual o tempo livre passa a ser tão valorado quanto o tempo dedicado ao trabalho. Simmel se referia às sociedades urbano-industriais, nas quais o ritmo acelerado do trabalho fabril se coadunava à intensificação das emoções e ao aparecimento de um período de tempo que deveria ser dedicado às opções de lazer, ofertadas por uma nascente indústria de entretenimento. Tal lazer, que era fruto das conquistas trabalhistas e estava associada ao tempo de não trabalho (Gomes, 2004), pode, em uma perspectiva crítica, ser associado aos interesses das classes dominantes, e não ao simples benefício das camadas populares. Esse aparente paradoxo fica mais evidente quando observamos a origem etimológica das palavras ócio e trabalho/negócio: “*otium* (ócio) e *nec-otium* (não-ócio, ou seja, negócio)” (Marcassa, 2004, p. 166, grifos da autora).

O cenário descrito por Simmel para a Europa pode ser aplicado, guardadas as devidas peculiaridades culturais, às mudanças vivenciadas pelo habitante da cidade do Rio de Janeiro na entrada do século XX. De sede da Corte em um regime monárquico, escravista e, em certo sentido, conservador, o Rio passava a vivenciar, a partir de 1890, o adensamento populacional, o frenesi do capitalismo reinante, o contato com ideias mais liberais e a chegada das novidades culturais europeias. Em resumo, o carioca experimentava o que seria um padrão de vida moderno, marcado, dentre outras coisas, pela utilização do espaço público para fins não utilitários *stricto sensu*. Segundo Araújo



(1993, p. 341): “As novas oportunidades de diversão são marcadas por traços de modernidade que atraem espetacularmente a população a consumir diversões na rua, como ocorreu com o sucesso do cinema”.

Com a República, uma indústria de diversões mais organizada, diversificada e com atrações voltadas para todos os nichos sociais começava a se consolidar no Rio de Janeiro. A esse processo, o historiador Roberto Moura (1995, p. 16) associa a industrialização em curso e a constituição de um público consumidor em potencial: “Crescem e se sofisticam as classes médias urbanas, favorecidas pelo reaparelhamento estatal e pelo progresso industrial, para quem prioritariamente seria montada uma indústria do entretenimento”. Ao final do século XIX, o Rio de Janeiro já possuía um mercado de divertimentos que possibilitava ampla gama de opções de lazer tanto para as elites quanto para as camadas populares.

A historiadora Rosa Maria Barboza de Araújo (1993, p. 328-371) elenca alguns desses divertimentos: passeios familiares pelo Centro da Cidade, principalmente na Av. Central, Rua do Ouvidor e Rua do Passeio; visitas ao Jardim Zoológico de Vila Isabel, à Quinta da Boa Vista, à Ilha do Governador, a Paquetá; festas ao ar livre; festas familiares; assistência de ritos cívicos nacionais, como o Dia da Pátria; participação em clubes, associações, bailes de caridade, festas beneficentes e reuniões dançantes; diversões na rua – praia e banhos de mar, carnaval, festas juninas, rodas de samba, cinema e cafés; idas ao teatro e ao circo, para assistir às companhias circenses e teatrais, aos shows de variedades, canto lírico e ópera.

A reforma urbana promovida por Pereira Passos no começo do século XX impulsionou o uso do espaço público, principalmente com a recém-inaugurada Avenida Central. “A cidade transformada convidava o povo a divertir-se” (Araújo, 1993, p. 384). Ao mesmo tempo, modificava-se também a relação do carioca com o corpo e a atividade física: “Educar o corpo e disciplinar hábitos significava integrar o país no perfil do mundo moderno e civilizado” (Araújo, 1993, p. 312). Tratava-se de uma transformação de relevo, principalmente se considerarmos que o principal referencial anterior era a ojeriza por qualquer uso do corpo que se aproximasse àquele do trabalho (Lessa, 2000, p. 90; Melo, 2001, p. 206). A formação de um novo imaginário referente às práticas corpóreo-desportivas contou com o precioso apoio das famílias cariocas:

A imagem do valor do esporte e da resistência física determinou uma evolução nos hábitos da família, modificando a mentalidade em relação ao cultivo do corpo. Para o homem, não parecia mais vulgar e indecente expor o tórax e exibir as pernas fora do banho de mar. O ideal de pele clara e músculos frágeis foi trocado pela inveja do físico dos carregadores do porto, de bíceps volumosos e pele queimada do sol (Araújo, 1993, p. 313).

Não menos importante nesse rol de novos divertimentos era o esporte. É possível concluir, a partir das considerações de Melo (2005), que, ao final do século XIX, já havia um campo esportivo em processo avançado de expansão no Rio de Janeiro. O historiador enumera as variedades do *sport* disponíveis à época: touradas, brigas de galo, patinação, lutas de boxe, corridas a pé/corridas atléticas, banhos de mar, corridas de velocípedes, natação, corridas de cachorro e pombo correio, jogo do bicho, *cricket*, turfe e remo. Além dessas modalidades, Araújo (1993, p. 314-317) elenca algumas outras, presentes também no início do século XX: a luta romana (feminina, inclusive), provas náuticas, canoagem, aviação, *kroockey*, malha, pingue-pongue, ciclismo, automobilismo, futebol, equitação, esgrima, corrida de bicicletas. É nesse cenário favorável, ainda que sob forte concorrência, que os jogos olímpicos deveriam penetrar e buscar seu espaço.

Se pairam dúvidas sobre os agentes responsáveis pela chegada do esporte no Rio de Janeiro, me parece claro que a mídia foi a grande responsável pela sua disseminação. Como afirma o historiador Victor Andrade de Melo (2001, p. 189) “[...] na década final do século XIX, o esporte já ocupava considerável espaço, progressivamente crescente, na imprensa do Rio de Janeiro”. O esporte se espraiava por inúmeros campos sociais, servindo de mote para anúncios publicitários publicados nos jornais (Melo, 2001, p. 190) e de tema para escritores como Machado de Assis e João do Rio. Destarte, ao indagar-se se a mídia seria causa ou consequência da difusão dos esportes no Rio de Janeiro, Melo (2012) afirma que, na verdade, ocorre um movimento de imbricação mútua, ou seja, a mídia é causa e consequência!

Atrelado ao gosto pelas diversões e pelo esporte, estava o forte hábito de apostar, que atinge seu ápice na virada do século. Naquele momento, a “[...] impressão que se tinha é que todos jogavam, a começar pelos pais de família, que se distraíam com o jogo dentro e fora de casa” (Araújo, 1993, p. 318). Uma das possíveis explicações avultadas

por Melo (2001, p. 163) para essa intensificação do interesse pelos jogos de azar encontra-se na inserção brasileira no contexto do capitalismo internacional: “O quartel final do século XIX é marcado por uma grande irrupção de capitais de origem internacional (principalmente francês e inglês), pela valorização da ostentação do luxo, pelo gosto gratuito de gastar dinheiro”. A penetração dos jogos e das apostas entre todas as camadas sociais era tamanha que o fato incomodava o próprio prefeito Pereira Passos e seu ideário civilizatório para a cidade do Rio: “Tenho procurado pôr termo à praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda parte, perseguiram a população, incomodando-a com infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavalagem” (Passos apud Benchimol, 1992, p. 278). Não obstante, as apostas associadas ao esporte seriam menos combatidas e até mesmo consentidas (Araújo, 1993, p. 318). A relação entre jogos de azar e jogos olímpicos foi cotejada pelos articulistas dos periódicos analisados, ora com argumentos favorecendo aos primeiros, ora aos segundos.

Apresentados o conceito de lazer (moderno) e os divertimentos disponíveis ao carioca no final do Oitocentos e início do Novecentos, espero ter aclarado as condições de possibilidade para o apoio ao consumo e ao exercício de jogos olímpicos na cidade do Rio de Janeiro. Uma via possível para interpretarmos a prática e assistência de jogos olímpicos me parece ser seu *status* moderno e europeu que, somado às qualidades de atividade saudável para os cidadãos em geral, benéfica à iniciativa privada e ao controle social do Estado, tornava-o útil à recém-instituída República brasileira. As narrativas jornalísticas sobre os jogos olímpicos expunham também, subterraneamente, uma discussão em curso sobre os usos do corpo, como veremos a seguir.

### **O Corpo nas Narrativas Jornalísticas sobre Jogos Olímpicos**

Apresento agora algumas matérias sobre os jogos olímpicos que se relacionam ao exercício físico e ao corpo. Reitero que a noção de jogos olímpicos e olimpíadas entre as décadas de 1890 e 1900 era bastante ampliada. Com isso, podíamos presenciar jogos olímpicos sendo exibidos no circo<sup>11</sup>, como temática para peças teatrais<sup>12</sup>, sendo transmitidos em películas cinematográficas (cenas filmadas em Olimpíadas do COI)<sup>13</sup>, para além de usos diversos no vocabulário cotidiano<sup>14</sup>.



O primeiro artigo que selecionei encontra-se n' *O Paiz* do dia 10 de junho de 1892. Intitulado *A educação physica*, o texto, assinado por Ignotus, associava a prática de atividades físicas regulares ao progresso da nação. Tendo a Grécia Antiga como modelo de civilização, o texto reiterava que o exercício físico regrado era um caminho de ingresso na modernidade: “Para que uma raça se assignale na historia como um fator poderoso de civilização e de progresso [...] é preciso que a educação physica do homem seja objecto de sérias preocupações e desvelados cuidados”<sup>15</sup> (*O Paiz*, 10 jun. 1892, p. 1). Fica evidente que, com o estímulo à prática física buscava-se modificar o padrão até então valorizado de corpo, associando essa alteração ao melhoramento de nossa raça e ao alinhamento com as nações ocidentais (colocadas em contraponto ao Oriente). Tal transformação, todavia, enfrentava resistências, a se deprender da reação jocosa dirigida àqueles que se dedicavam à prática da ginástica, como pode ser lido no trecho abaixo.

Se elle [o povo] não tratar da educação physica de seus filhos, se não preparar uns rapazes fortes, sadios, valentes, vai gradualmente caindo na abjecção dos povos do Oriente, sepultados na escravidão e na miséria [...]. O que, porém, não pode continuar, sem perigosas consequências para os futuros destinos deste povo, é a nossa completa indiferença pela educação physica da raça. *Aqui não só este assumpto importante está desprezado como até caem no ridiculo*, são objecto das gargalhadas do público os que se entregam aos exercícos hygienicos da gymnastica [...] Os moços do Rio de Janeiro, salvas poucas excepções, não têm força muscular (*O Paiz*, 10 jun. 1892, grifos meus).

Outro ponto a ser problematizado com essa matéria é a relação entre progresso e civilização, acima empregadas de modo complementar, mas que se encontravam sob tensão no alvorecer do regime republicano (Azevedo, 2003). Se, durante a Monarquia, o ideal de civilização foi o principal motor das políticas públicas, na República, o progresso e o desenvolvimento material sobrepujam aquele e passam a pautar os melhoramentos urbanos. A modernidade trazia em seu bojo “um imaginário baseado na razão e no progresso” (Tacussel, 2006, p. 7). É nesse sentido, por exemplo, que Pereira Passos e Rodrigues Alves iniciaram o processo de reforma urbana da cidade do Rio entre os anos de 1902 e 1906. Ambos buscavam dar ao Rio uma imagem cosmopolita e, ao Brasil, uma aura progressista, em oposição ao período monárquico, ultrapassado e tradicional. Entender como a

balança pende entre civilização e progresso na história da cidade do Rio de Janeiro se reflete também na percepção dos diferentes modos de uso do corpo.

Assim, um exemplo de costume que deveria ser superado eram os jogos de azar e as apostas, símbolos do arcaísmo ainda reinante no cotidiano da cidade. O artigo de opinião *O jogo*, publicado na capa da *Gazeta de Notícias* (07 abr. 1898), desenvolvia uma crítica severa ao jogo do bicho, visto como “fonte de tantos males para o povo”<sup>16</sup>. O costume era descrito assim: “Hoje, em nossos dias, pelos caes, pelas praças, pelas ruas, em casa, na officina, e até na igreja, se joga a cobra, o gato, o pavão, a gallinha, etc, à custa do pesado suor do trabalho e da economia da semana”. Em contraponto a um hábito visto como negativo, o articulista tecia um extenso elogio aos jogos olímpicos da antiguidade: “Não eram jogos de mero passatempo, mas *jogos que robusteciam o corpo*, formavam o espírito e faziam homens soldados valorosos, bons cidadãos e homens literatos” (grifos meus). O caráter utilitário deste divertimento o diferenciava daquele, que era apenas vício. Ademais, a prática de jogos olímpicos forjaria um indivíduo de físico mais musculoso, o que se coadunava às novas representações de saúde corporal<sup>17</sup>. Fica evidente ainda que, em seu tempo livre, este indivíduo ainda estaria a serviço do trabalho e do Estado, pois os jogos olímpicos viriam a “[...] divertir o povo e ao mesmo tempo formal-o nas boas artes, que serviam aos fins da sociedade civil” (*Gazeta de Notícias*, 07 abr. 1898, p. 1).

Como já citei alhures, o “[...] ideal de pele clara e músculos frágeis foi trocado pela inveja do físico dos carregadores do porto, de bíceps volumosos e pele queimada do sol” (Araújo, 1993, p. 313). Essa mudança no paradigma de corpo perfeito encontrava, em geral, apoio nos textos jornalísticos. Nesse sentido, duas matérias publicadas na *Gazeta de Notícias* merecem ser analisadas detidamente.

A primeira, sob o título de *Absurdo verosimil*, apontava para o corpo saudável do então presidente do Estado de Minas Gerais: “Não é uma paisagem numa só árvore, mas no seu olhar encolhido sente-se bem que elle está a chamar a atenção para o talho da sua roupa e sobretudo para o seu corpo, desenhado na casimira, porque o Sr. Silviano Brandão tem-se por uma musculatura de olympiada” (25 abr. 1901, p. 3). Nota-se, assim, como, até mesmo num político, os contornos de um corpo não apenas saudável, mas musculoso, eram ressaltados. A qualificação “de olympiada” esclarece a fonte da boa forma de Silviano Brandão aos leitores do periódico.

A segunda matéria, uma crônica, foi publicada na seção *O Momento Litterario* do dia 24 de abril de 1905. Assinada pelo ilustre cronista João do Rio, trazia considerações acerca do poeta Alberto Ramos, cujo nome por sinal dava título à matéria. À uma breve introdução ao poeta e sua influência nietzschiana, se seguia uma resposta do próprio Ramos, citada entre aspas por João do Rio em seu texto. As ideias de Ramos versavam sobre a seleção dos indivíduos mais aptos e sobre certo complexo de *vira-latas* nacional; ao lado de sua crítica ao tempo presente, subjaz um olhar nostálgico para o passado longínquo e certa esperança em um futuro mais próspero. O saudosismo e a idealização são dirigidos aos gregos antigos, restando à modernidade a decadência física e a degeneração. Saliento a relação direta estabelecida pelo poeta entre o cultivo de um corpo fisicamente saudável e a prosperidade social, que produziria “uma geração robusta e sadia, muito diferente da nossa, melhor que a nossa”. O conceito de civilização<sup>18</sup>, bem como o de progresso, também é novamente mencionado.

As grandes épocas de civilização dos povos caracterizam-se pela elevação integral e harmoniosa da cultura physica. Antes que o dogma christão tivesse pervertido a noção da vida, [...] a saúde do corpo corria paradas com a saúde do espírito. A base da chronologia grega foi a olympiada, isto é, a glorificação da força e da inteligência. Os mais puros monumentos do genero humano são a apoteose da força e da saude. Os períodos de decadencia, ao contrario, caracterizam-se pela depressão physica do individuo [...] *As sociedades decadentes, physicamente atrofiadas*, como a nossa, são incapazes de produzir o typo superior da especie, o *creator*, o artista [...] É preciso que restauremos como formula irreductível o ‘mens sana in corpore sano’; ainda mais: é preciso que se lhe dê uma applicação pratica pela criação de medidas sanitárias rigorosíssimas. [...] Mas não haverá por ahí quem invente a fecundação artificial? Magnifico assumpto para o seu próximo questionário, caro Sr. João do Rio, mais útil, mais actual e positivamente mais productivo... (Gazeta de Notícias, 24 abr. 1905, p. 1, grifos meus).

João do Rio, ao final de sua crônica, fornece uma réplica conclusiva a Alberto Ramos, dando conta do estado do campo esportivo naquele momento: “Talvez o Sr. Alberto Ramos tenha muita razão. Feliz nós já vamos subindo a montanha. Os clubs de regata começam a transformação...”. Ambos, Ramos e João do Rio, reforçam o lugar da atividade física no cotidiano da metrópole carioca; o primeiro, ressaltando a necessidade de formarmos indivíduos seguindo o modelo

dos gregos antigos e, o segundo, lembrando que tal empreendimento já se encontrava em andamento, com a introdução do remo através dos clubes cariocas.

Após sucessivas menções à Grécia Antiga, uma questão se interpõe à apresentação dos dados: a que imaginário os jornais faziam referência? Muitos jogos em homenagem aos mais variados deuses ocorriam na Grécia no período helênico, epicentro social e político da Antiguidade. Píticos, Nemeus, Ístmicos, Panatenéias, Heranos e Fúnebres eram alguns deles. Deste último, os Fúnebres, o mais antigo dentre todos, assume-se que tenham surgido os jogos olímpicos. Realizados em homenagem a Zeus, tais jogos começaram a ocorrer, pelo que se tem registro, a partir de 776 a.C. (cf. Godoy, 2001; Yalouris, 2004). Richard Sennett (2010, p. 91) assinala o lugar de relevo ocupado pelo corpo na antiguidade grega ao afirmar que o corpo exposto era a “maior obra de arte da cidade”<sup>19</sup>. Mais do que isso, o corpo “grego” estava desnudo nas provas olímpicas e essa nudez era associada à civilidade<sup>20</sup>, e não ao primitivismo, como o foi na Idade Média e Moderna. “A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez” (Sennett, 2010, p. 30). Enquanto as academias eram lugares onde os gregos exercitavam o intelecto, nos ginásios eles desenvolviam seus corpos (Sennett, 2010, p. 45). Com o avanço do cristianismo no Império Romano, os jogos olímpicos passaram a ser vistos como pagãos e deixaram de ser realizados em 393 d.C., após 1.200 anos de realização ininterruptos. O cristianismo, devido a seus valores mais espirituais que carnavais, rompe com os ideais de corpo perfeito, marcantes tanto na sociedade grega quanto na romana (cf. Sennett, 2010). Disso também decorre a inexistência do esporte organizado na Idade Média, como apontam Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2012). O movimento olímpico moderno, ao qual os jornais fazem referência, se reporta, assim, como ideário, à Antiguidade, e não à Idade Média.

Retornando às repercussões do olimpismo na mídia impressa carioca, reitero que a aceitação de novos modos de uso do corpo não era unânime entre os jornalistas das décadas de 1890 e 1900<sup>21</sup>. Ao apresentar criticamente um novo hábito do carioca – o domínio de armas e o tiro esportivo<sup>22</sup> – um artigo de opinião, publicado na seção *Três Tiras d’O Paiz*, condenava também a introdução de outro esporte. O texto faz alusão a uma mudança que estaria em curso, sinalizada pelo abandono da poesia em prol da luta romana. O tom

depreciativo relegado ao uso do corpo em combates físicos demonstra como se interpõem fortes resistências à aceitação de um novo código cultural:

E esse homem fenomenal, em lugar de fazer redondilhas e sonetos, em vez de cantar os olhos e outras raridades da menina dos seus sonhos, resolve fazer esta coisa mais apreciada e mais em moda: – saltar na arena atapetada de um *music-hall*; engalfinhar-se, como um mastodonte contra megatherium, pespegar um formidável golpe de cintura e derrubar um afamado campeão da tal luta romana (O Paiz, 13 out. 1909, p. 2, grifos do texto).

Grandes eventos esportivos denominados de jogos olímpicos foram realizados na década de 1900 em Atenas (1906) e Montevideu (1907). Sobre o primeiro, realizado em 1906, pairam dúvidas sobre sua oficialidade e há uma extensa discussão entre o COI e os pesquisadores do olimpismo sobre o *status* do evento. Quanto a Montevideu, 1907, não encontrei fontes na literatura acadêmica que o abordassem. A despeito desse relativo esquecimento, ambos os jogos repercutiram na imprensa carioca da época<sup>23</sup>. Dentre estas narrativas jornalísticas, destaco um interessante artigo de opinião publicado na *Gazeta de Notícias* do dia 24 de fevereiro de 1907. Buscando atualizar a memória dos leitores sobre os gregos antigos e reforçar certo saudosismo a esse passado idealizado, comparavam-se os jogos da Antiguidade aos dois referidos eventos modernos. O que implicitamente essa comparação torna claro é o nível de relevância atribuído às duas competições, organizadas à margem do Comitê Olímpico Internacional<sup>24</sup>. O cronista argumentava quanto à decadência do homem moderno e à impossibilidade de recriar a grandeza da Grécia Antiga em nosso tempo, onde “a vida é uma complicação infernal” e não há tempo para “dez horas por dia ao exercício *physico*”. Os prognósticos pessimistas e hiperbólicos do autor, reproduzidos parcialmente a seguir, apontavam para uma única saída possível: a prática esportiva. Somente o *sport* poderia refrear a evolução, em sentido lamarckista, prevista pelo autor. Isso nos remete à mudança no ideal de corpo perfeito que se desenvolvia no imaginário carioca na virada do século XIX para o XX, quando se passava a valorizar os corpos musculosos e bronzeados como itens necessários ao indivíduo habitante dessa nova cidade moderna:

Os homens do anno 3.000 serão uns anões enfesados e feiíssimos, possuidores de pernas curtas e finas como palitos e de cérebros enormes como melancias... Mas o *sport* sempre



há de retardar um pouco a irremediável catástrofe. E o dever de quem vive é procurar por todos os meios conservar a vida. Aplaudamos, por isso, a mania do *sport*, – abstando-nos apenas dos *sports* perversos, que só se podem exercer com sacrifício da vida dos outros animaes, nossos irmãos inferiores. Se com o exercício do *sport* queremos conservar a nossa vida individual e a vida da nossa especie, – não esqueçamos que os outros animaes e as outras espécies também deve (sic) ter o direito de viver! (Gazeta de Notícias, 24 fev. 1907, p. 3).

Diante do encerramento das Olimpíadas de Londres, em 1908, o *Jornal do Brasil* publicou no dia sete de setembro daquele ano um extenso artigo de duas colunas, discorrendo sobre o encerramento do evento e fornecendo uma lista com o nome dos atletas vencedores em todos os esportes e os tempos obtidos por eles. No texto, a figura do *sportsman*<sup>25</sup> colaborava para a formação de uma imagem favorável aos Jogos, uma vez que inspiravam mais indivíduos a adotar uma conduta saudável de vida, servindo também de modelo para o exercício da boa cidadania. Argumentos que, como já vimos, circulavam também em outros textos jornalísticos. Isso posto, pode-se inferir a relação mutuamente benéfica entre os jogos e a imprensa no período aqui estudado, visto que os primeiros pareciam atender aos propósitos da segunda, interessada em estimular a prática de esportes e, por consequência disso, ampliar o público consumidor de conteúdo esportivo. Por outro lado, o referido texto diferenciava um uso do corpo com obtenção de lucro (profissionalismo) daquele que era praticado pelos atletas olímpicos, que não tinham o esporte como profissão (amadores):

[...] Dous mil atletas e 20 nações concorreram para combater sem armas e em paz e, ainda mais, não houve vencedores, nem vencidos, porque não os ha em *sport*. Alguem certamente terá criticado estas lutas, porque para o mundo beneficio nenhum representa que os 100 metros sejam corridos em 10 4/5”[...] mas a mesma critica é infundada, quando se considera a esses 2.000 atletas como a flôr de milhares e milhares de outros que praticam o atletismo, para o aperfeiçoamento de seus orgams e para a beleza esthetica de seus corpos [...] No *stadium*, 2.000 jovens representavam a affeição do genero humano pelos exercícios phisicos. A prova mais cabal, irrefutavel, é que de todos esses mancebos, não havia um só que fizesse profissão de sua habilidade ou de sua destreza. [...] O *sport* não só exercita os músculos, como tambem educa a intelligencia e aperfeiçoa o character [...] O *sportsman* é, geralmente, homem dotado de character, sempre cordato e respeitador. Queremos despertar os jovens dos centros urbanos? Inspiraie-lhes o gosto

pelos jogos ao ar livre e eles necessariamente a isso se entregaram de muito boa vontade. Assim teremos uma mocidade forte e capaz de enfrentar a vida com coragem e resignação. E foi o que se verificou em Londres (Jornal do Brasil, 07 set. 1908, p. 12, grifos do jornal).

A partir dos excertos jornalísticos acima apresentados, pode-se inferir a presença de um debate mais amplo na sociedade carioca sobre os usos do corpo e as suas representações culturalmente aceitas nas décadas de 1890 e 1900<sup>26</sup>. Os jogos olímpicos, uma ideia ainda incipiente no Brasil, tomavam parte nessa contenda, exemplificando argumentos amiúde a favor da prática física.

### **Apontamentos Finais**

Foi colocado em questão ao longo deste artigo que a formação de uma mentalidade pró-olimpismo (educação do corpo e contato com as ideias) já se encontrava em andamento nas décadas de 1890 e 1900, em grande medida graças à divulgação da imprensa. A chegada das primeiras notícias sobre os jogos provavelmente despertara a curiosidade dos cariocas, produzindo opiniões conflitantes sobre a introdução dessas novas práticas de diversão e lazer, uma vez que já possuíamos um repertório próprio para o uso do tempo livre.

As informações presentes nos textos jornalísticos nos fornecem indícios para as formas de uso do corpo socialmente valorizadas. A prática dos chamados jogos olímpicos se relacionava à chegada dos esportes e à novidade que representava praticá-los. Os lazeres cariocas até então não estavam tão relacionados ao esforço físico, o que se incrementa de fato com as inúmeras modalidades esportivas que começam a aportar no Rio de Janeiro vindas da Europa.

Uma cidade que se pretendia moderna, como o Rio, parecia necessitar também de corpos que se adequassem a certo padrão típico da modernidade. Tal modelo importado da Europa tendia a exortar à constituição de um corpo atlético, se possível com músculos. Isso fica evidente na maioria das matérias que estabelecem uma relação entre os jogos olímpicos, a prática física e as representações do corpo.

O fato de os jogos olímpicos virem da Europa constituía mais um elemento que lhes era favorável: um produto europeu, à semelhança de tantos outros objetos tangíveis de consumo que chegavam ao porto do Rio na época. Arcaicos, primitivos e degradantes passavam a ser os demais hábitos já arraigados na cultura carioca. Tomemos

como exemplo as apostas, que poderiam se tornar um vício, degenerar o caráter, conforme afirmavam seus detratores. Não se exercitar, por seu turno, enfraqueceria o corpo, o que não era aceitável nessa nova ordem corpórea.

O leitor carioca não estava alheio às transformações no ideal de corpo perfeito em vigor na Europa. As narrativas jornalísticas acionavam a todo o momento a relação inequívoca existente entre a prática de esportes olímpicos e a formação de uma *raça* mais robusta, mais forte militarmente e apta a atingir performances esportivas que engrandecessem a imagem nacional. Falava-se amiúde em um renascimento da cultura física, anteriormente colocada em segundo plano diante do cultivo do intelecto.

Encontrava-se em curso, assim, uma mudança no paradigma de corpo perfeito. Naquele momento, civilizar e melhorar a *raça brasileira* eram dois argumentos muito valorizados pela imprensa carioca. Forjar um corpo apropriado a esses propósitos passava a ser a nova prioridade levantada pela pauta jornalística. Na década seguinte, diante da iminente participação brasileira nos Jogos Olímpicos, entrava em cena também a performance esportiva como decorrência da formação física individual.

Certamente, pelo número reduzido de matérias, não posso desenvolver em profundidade e afirmar com exatidão como as representações midiáticas dos corpos impactaram a sociedade carioca e mesmo qual o papel dos jogos olímpicos nessa mudança de imaginário. O aparecimento de menções ao corpo em textos jornalísticos vinculados aos jogos olímpicos legitima, contudo, o recorte temático aqui proposto.

Desejo enfatizar, por fim, que os textos jornalísticos selecionados, oriundos de minha pesquisa em curso no doutoramento, ajudam a compor um quadro maior no que diz respeito à prática física e às representações/regulações do corpo veiculadas na mídia. Temas ainda muito atuais, devo dizer. São questões que discutimos hoje cotidianamente e que, parece plausível sugerir, também estavam na ordem do dia na virada do século XIX para o XX.

### Notas

1 Sobre a circulação dos jogos olímpicos no circo, no teatro e no cinema durante as décadas de 1890 e 1900, ver Amaro e Helal (2015). Sobre a cobertura das Olimpíadas do COI no mesmo período, ver Amaro (2015).

2 Para lidar com a presença de fontes que se referiam tanto aos Jogos que podemos definir como *oficiais*, pois organizados pelo COI, quanto *não-oficiais*, por estarem à margem ou não serem reconhecidos pela instituição máxima do esporte olímpico mundial, decidi adotar uma pequena distinção na grafia de ambos. Assim, sempre que utilizo Jogos Olímpicos com letras maiúsculas me refiro aos eventos *oficiais*, enquanto, para os *não-oficiais* adoto a grafia em minúsculas (jogos olímpicos), a qual também se aplica aos momentos em que trato de ambos, jogos *oficiais* e *não-oficiais*.

3 Dizia ele que: “Os partidários da velha escola ficaram enfurecidos quando eles nos viram realizando nossas reuniões no coração da Sorbonne: eles perceberam que nós éramos rebeldes e que iríamos terminar derrubando o edifício da sua filosofia carcomida. É verdade, cavalheiros; nós somos rebeldes e é por isso que a imprensa, que sempre apoiou as revoluções beneficentes, entendeu e nos ajudou – pelo que, aliás, agradeço de todo o meu coração” (Olympic Review, 1969, p. 394, tradução minha).

4 De modo geral, pode-se dizer que a Carta trata dos princípios do Comitê Olímpico Internacional e do Movimento Olímpico. Desde sua primeira edição, em 1908, o documento vem sendo continuamente atualizado.

5 Na apreensão dessa perspectiva de análise, estou me baseando em Iser (2013), Chartier (2010, p. 36) e Charaudeau (2007, p. 28).

6 Com base nesse critério, compõe o *corpus* de pesquisa cinco jornais e uma revista (nome do periódico/período disponível para consulta): *Gazeta de Notícias* (1875 a 1956); *O Paiz* (1884 a 1934); *Jornal do Brasil* (1891 a 2012); *Correio da Manhã* (1901 a 1974); *Gazeta da Tarde* (1880 a 1901); *Revista da Semana* (1900 a 1950). A consulta a essas fontes foi realizada no sítio on-line da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, por meio da busca por cinco termos: “jogos olympicos”/“jogos olímpicos”, “olympiadas”/“olimpíadas”, “olympiada”/“olimpíada”, “Coubertin” e “jogos gregos”.

7 Entre 1890 e 1909, jornais e revistas exerceram primazia sobre a cobertura dos primeiros Jogos Olímpicos. Ao meio impresso se seguiu a introdução de outros meios de comunicação, ainda na primeira metade do século XX: em 1900, aparece o cinema; em 1928, o rádio (experimentalmente); e, em 1936, a televisão. A esse respeito, ver Slater (1998) e Peña e Hernández (2014).

8 Os periódicos realizam com eficácia a associação de suas narrativas aos fatos e ideias que veiculam. Para a história cultural, imagens e textos são “formas de representação do mundo que constituem o imaginário” (Pesavento, 2012, p. 86). Disso pode-se concluir que a formação de um imaginário atrelado aos jogos olímpicos relaciona-se às narrativas produzidas pela imprensa a partir de textos e imagens.

9 Nesse sentido, ver Karasch (2000) e Silva (1988).

10 Meu entendimento de “campo” encontra sua inspiração no desenvolvimento teórico proposto por Pierre Bourdieu (ver, por exemplo, 2004a e 2004b) para tal conceito.

11 Várias companhias apresentavam em diferentes teatros da cidade seus números de jogos olímpicos. Cito algumas: Grande Companhia Equestre e de Novidade (Correio da Manhã, 18 ago. 1907), Família Jacopi (Gazeta de Notícias, 13 out. 1896, p. 6) e Companhia Silbon (O Paiz, 24 abr. 1890, p. 6), no Theatro S. Pedro de Alcantara; The 4 Fortys, no Theatro Maison Moderne (Correio da Manhã, 22 jun. 1903, p. 6; Gazeta de Notícias, 17 jul. 1906, p. 8; 18 jul. 1906, p. 8; 19 jul. 1906, p. 8); Troupe Baltus, no Casino (Correio da Manhã, 28 jan. 1903, p. 6; O Paiz, 26 jan. 1903, p. 4).

12 Na década de 1900, *O Paiz* publicava em sua coluna *O Theatro na Grécia* uma peça com temática olímpica, sobre a qual lemos que: “A ‘Corrida de Marathon’, representada também pela companhia da Nova Scena, é uma bella revista, de Moraitini, inspirada pelos últimos jogos olympicos: é habilmente construída e contém várias scenas que muito divertem” (11 jun. 1907, p. 3).

13 As telas do Cinematógrafo Parisiense exibiam imagens dos Jogos de Paris, segundo consta na coluna *Diversões* do *JB* (28 ago. 1908, p. 16; 31 ago. 1908, p. 1; 10 out. 1908, p. 1; 12 out. 1908, p. 1) e na *Echos & Factos* d’*O Paiz* (28 ago. 1908, p. 1).

14 “Jogos olympicos” e “olympiadas” apareciam ainda em notas e artigos jornalísticos com usos variados, normalmente associados aos jogos gregos da antiguidade, mas também como nome de animais e sinônimo para grandiosidade, competições esportivas, artimanha, dentre outros.

15 Esta e as demais citações extraídas dos veículos jornalísticos aqui investigados reproduzem com fidelidade a grafia das palavras utilizada à época. Optei por preservar essas peculiaridades no uso da língua portuguesa em respeito aos textos originais e seus autores, bem como para transmitir ao leitor a ambiência de onde (tempo e espaço) essas narrativas foram extraídas.

16 O mesmo jornal, contudo, publicou na coluna *A Semana*, em 17 de março de 1895, uma matéria cujo conteúdo demonstrava apreço pelo jogo do bicho, em detrimento aos jogos olímpicos. O texto dissertava sobre o jogo do bicho como um costume tipicamente nacional e abordava a recriação dos Antigos Jogos em tom de escárnio, criticando o esforço físico e impossibilidade das apostas. Cito: “Está marcado o espectáculo para abril de 1896. Não há lá burros nem cavallos; há só homens e homens. Corridas a pé, lucta corporal, exercicios gymnasticos, corridas nauticas, natação, jogos athleticos, *tudo o que possa esfalfar um homem* sem nenhuma vantagem dos espectadores, porque não há apostas. [...] Parece que há idéa de repetir taes jogos em Pariz, no fim do seculo, e nos Estados Unidos em 1904. Se tal acontecer, adeus, America! Não valia a pena descobri-la ha quatro seculos, para fazel-a recuar vinte. *Oxalá não se lembrem de nós. Fiquemos com os burros e suas prendas* (Gazeta de Notícias, 17 mar. 1895, p. 1, grifos meus).

17 Não deve ser esquecido que a reforma urbana de Pereira Passos trazia também dentre seus objetivos o saneamento da cidade, que sofria com frequentes epidemias. A valorização dos cuidados com o corpo, nesse contexto, vinha ao encontro das políticas públicas para a saúde da população.



18 Segundo o historiador André Nunes de Azevedo (2003, p. 30), uma possível acepção para o termo civilização é a seguinte: “O termo ‘civilização’ expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Sua maneira de autoperceber-se, de entender-se como agente privilegiado de um desenvolvimento histórico que conduziria a um mundo sempre melhor, governado pela razão e seu movimento de expansão. A própria ideia de movimento é característica à ideia de civilização”.

19 Entre os gregos, valia a crença na bondade bela (Spivey, 2012, p. 67), isto é, a beleza física como espelho das virtudes morais de um indivíduo. A aparência atuava como uma forma de distinção social do caráter, o que, em certa medida, opera ainda hoje, na sociedade contemporânea.

20 Essa “regra social” não se aplicava às mulheres, que não circulavam nuas pelo espaço público (Sennett, 2010, p. 32).

21 As tensões e discussões em torno de um ideal de corpo instalam a possibilidade de existência do diferente e, por isso, agem, a meu ver, positivamente sobre o imaginário em construção. A concordância unânime e acrítica desembocaria em um perigoso cenário descrito por Sennett (2010, p. 22): “Imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, em especial entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão”.

22 A crítica se colocava contra a suposta inspiração grega da prática: “Citam-se, então, para provar que isso é distinto e admirável, que é salutar e proveitoso, os jogos gregos e romanos [...] E afirma-se, assim, que é bello e magnífico saber atirar com precisão e manejar uma arma com pericia” (O Paiz, 13 out. 1909, p. 2). O curioso dessa contenda é o fato de ter vindo do tiro a nossa primeira medalha de ouro em Jogos Olímpicos, com Guilherme Paraense em 1920.

23 Montevidéu-1907 gerou maior repercussão nos periódicos cariocas do que o evento realizado em Atenas-1906. Por razões geográficas, que facilitavam a chegada de notícias, ou pela presença de atletas brasileiros, os jogos olímpicos de Montevidéu atraíram mais a atenção midiática do que os próprios Jogos do Comitê Olímpico Internacional realizados entre as décadas de 1890 e 1900.

24 Ainda que os jogos de Atenas-1906 tenham contato com representantes do COI na plateia das competições, eles não figuram na linha do tempo das Olimpíadas disponível no site da instituição. Nos jogos de Montevidéu, pelo que temos conhecimento, não havia nenhum membro do COI presente.

25 Importante observar a distinção que à época se estabelecia entre *athleta* e *sportman*. Melo esclarece que: “Somente no século XX o termo ‘atleta’ passou a designar correntemente os envolvidos com modalidades esportivas [...] Durante muitos anos, os que se envolviam com tais práticas (seja como dirigentes de clubes, público assíduo ou praticante) eram conhecidos como *sportman*” (Melo, 2001, p. 206-207, grifos do autor). No século XIX, os significados atribuídos à palavra “athleta” eram outros: “Dicionários da época apontam o sentido de lutador e guerreiro, mas normalmente o termo era utilizado para designar o indivíduo que era um questionador implacável [...] Nenhuma ligação tinham com a prática esportiva e/ou de atividades físicas” (Melo, 2001, p. 206).

26 Importante salientar também que o uso do corpo no esporte possui um lugar de destaque nos estudos sociais do futebol. Gilberto Freyre, em seu artigo *Football Mulato* (1938), inaugurou uma vertente de pesquisas que se debruçam a investigar a suposta relação entre usos do corpo peculiares aos brasileiros (na dança, na música) e a formação de jogadores de futebol excepcionais.

### Referências

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. Circo, Teatro, Cinema e Esporte: os jogos olímpicos na mídia impressa carioca de 1890 a 1910. **Líbero** (FACASPER), v. 18, p. 55-64, 2015.

AMARO, Fausto. Jogos Olímpicos na Imprensa Carioca: primeiros momentos (1890 a 1910). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015. P. 1-15.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer**. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AZEVEDO, André Nunes. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. Rio de Janeiro, 2003, 327 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b. P. 207-220.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, Campinas, Unicamp, n. 11, v. 5, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CORREIO da Manhã. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 6, 28 jan. 1903.

CORREIO da Manhã. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 6, 22 jun. 1903.

CORREIO da Manhã. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 8, 18 ago. 1907.

- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Jornal Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.
- GAZETA de Notícias. Coluna A Semana, p. 1, 17 mar. 1895.
- GAZETA de Notícias. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 6, 13 out. 1896.
- GAZETA de Notícias. O Jogo, Rio de Janeiro, p. 1, 07 abr. 1898.
- GAZETA de Notícias. Absurdo verosimil, Rio de Janeiro, p. 3, 25 abr. 1901.
- GAZETA de Notícias. Seção O Momento Littterario. Artigo assinado por João do Rio, Rio de Janeiro, p. 1, 24 abr. 1905.
- GAZETA de Notícias. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 8, 17 jul. 1906.
- GAZETA de Notícias. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 8, 18 jul. 1906.
- GAZETA de Notícias. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 8, 19 jul. 1906.
- GAZETA de Notícias. Artigo de Opinião, Rio de Janeiro, p. 3, 24 fev. 1907.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINSBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- GOMES, Christianne L. Lazer – ocorrências históricas (verbete). In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 119-125.
- ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- JORNAL do Brasil. Anúncio, p. 16, 28 ago. 1908.
- JORNAL do Brasil. Coluna Diversões, p. 1, 31 ago. 1908.
- JORNAL do Brasil. Coluna Diversões, p. 1, 10 out. 1908.
- JORNAL do Brasil. Coluna Diversões, p. 1, 12 out. 1908.
- JORNAL do Brasil. Artigo, Rio de Janeiro, p. 12, 07 set. 1908.
- KARASCH, Mary C. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis** [Uma reflexão em busca de auto-estima]. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MARCASSA, Luciana. Ócio (verbete). In: GOMES, Christianne L. (Org.), **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 165-171.
- MELO, Victor Andrade de. **Cidade Esportiva: primórdios do Esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor A. (Org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. P. 21-51.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, Esporte e Cultura Urbana: conexão Rio de Janeiro Paris: meio de transporte: arte. In: CONGRESSO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2, 2005. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 1-18.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.

OLYMPIC REVIEW. Newsletter, Lausanne, n. 22, jul. 1969. Disponível em: <<http://doc.rero.ch/record/235514/files/1969%20-%20N%C2%B022%20-%20Olympic%20Review.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015

O PAIZ. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 6, 24 abr. 1890.

O PAIZ. A Educação Physica. Artigo assinado por Ignotus, Rio de Janeiro, p. 1, 10 jun. 1892.

O PAIZ. Anúncio, Rio de Janeiro, p. 4, 26 jan. 1903.

O PAIZ. Coluna O Theatro na Grécia, Rio de Janeiro, p. 3, 11 jun. 1907.

O PAIZ. Coluna Echos & Factos, p. 1, 28 ago. 1908.

O PAIZ. Coluna Três Tiras, Rio de Janeiro, p. 2, 1909.

O PAIZ. Coluna Três Tiras, p. 2, 13 out. 1909.

PEÑA, Emilio Fernández; HERNÁNDEZ, Natividad Ramajo. La comunicación en el deporte global: los medios y los Juegos Olímpicos de verano (1894-2012). **Historia y Comunicación Social**, Madrid, v. 19, p. 703-714, mar. 2014.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira. **Negro na Rua**. A nova face da escravidão. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. P. 45-68.

SLATER, Joan. Changing Partners: The Relationship Between the Mass Media and the Olympic Games. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM FOR OLYMPIC RESEARCH, 4., 1998. London, Ontario. **Anais...** London: International Centre for Olympic Studies, 1998. P. 49-58. Disponível em: <<http://library.la84.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR1998h.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SPIVEY, Nigel. **The Ancient Olympics**. Nova Iorque: Oxford, 2012.



TACUSSEL, Patrick. Entrevista. Entrevistador: Prof. Dra. Sandra Portella Montardo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 31, p. 7-11, 2006.

YALOURIS, Nicolaos (Org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga** – Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos. São Paulo: Odysseus, 2004.

Fausto Amaro é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ), com bolsa FAPERJ. Mestre pela mesma instituição, com bolsa CAPES. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela UERJ. Membro da Sociedade Internacional dos Historiadores Olímpicos (International Society of Olympic Historians). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: jogos olímpicos, futebol, história da mídia, herói e esportes.

E-mail: faustoarp@hotmail.com

Este texto inédito também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

*Recebido em 31 de janeiro de 2016*

*Aceito em 17 de maio de 2016*